

INTELIGÊNCIA RETÓRICA: VIOLÊNCIA E EMOÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS

Ana Lúcia Tinoco Cabral¹ (USP-Profletras; IP-PUCSP)

Resumo: O trabalho apresenta um estudo do discurso de emoções (Plantin, 2011) e da violência verbal (Culpeper, 2011; Cabral & Lima, 2017), encarando-os como estratégias para a construção do *ethos*. Os estudos retóricos destacam sobretudo a importância das paixões para tocar o auditório (Molinié, 1992), uma vez que as emoções provocam alguma reação no outro, um desconforto. O foco do trabalho, no entanto, encontra-se no uso do discurso de emoções pelo orador para, ao dizer de seu estado emocional, quer seja direta ou indiretamente, construir seu *ethos*. O trabalho investiga igualmente como, no discurso, as emoções evidenciam violência, servem para marcar argumenativamente o distanciamento em relação ao outro e a construção de uma imagem de si. O corpus de análise constitui um discurso proferido por uma jovem ativista durante uma reunião das Organização das Nações Unidas. As análises evidenciam que a oradora alia a violência verbal ao discurso de emoções utilizando-os como estratégia argumentativa, para construir seu *ethos* e transmitir um ponto de vista.

Palavras-chave: Argumentação. Emoções. Violência verbal. Ethos

Introdução

O *ethos* constitui um elemento importante no discurso argumentativo pela sua força persuasiva, tanto que Aristóteles o inclui entre as provas argumentativas, ou seja, “o que é próprio para persuadir” (ARISTÓTELES, s/d, p.34). O caráter moral do orador, segundo Aristóteles, tem efeito persuasivo “quando o discurso procede de maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de confiança” (ARISTÓTELES, s/d, p.34).

Não se pode negar que confiança é um estado emocional, um sentimento. As emoções estão diretamente ligadas às paixões, que também “constituem um conceito fundamental na Retórica” (MOLINIÉ, 1992, p.250), uma vez, que conforme lembra esse estudioso da Retórica, consta igualmente nos ensinamentos de Aristóteles que a persuasão se produz quando o discurso conduz o auditório a experimentar uma paixão. As paixões “são as que introduzem mudanças em nossos juízos” (ARISTÓTELES, s/d, p.116). Isso quer dizer que o orador se vale de emoções para tocar o auditório. O orador também pode valer-se delas para construir ou reforçar a imagem que constrói de si, seu *ethos*.

¹ Endereço eletrônico: altinococabral@gmail.com

Entre as paixões apontadas por Aristóteles, destaca-se, em primeiro lugar, a cólera. A cólera, segundo Aristóteles, é “acompanhada de pena que nos incita a tomar vingança manifesta por um desdém manifesto, e injustificável, de que tenhamos sido vítimas, nós ou algum dos nossos” (ARISTÓTELES, s/d, p.117). Podemos afirmar que a paixão da cólera conduz à violência contra um adversário. Pensando no discurso, estamos no campo da violência verbal. Assim, considerando a relação entre as emoções e a construção do *ethos*, e estendendo, por transitividade essa relação àquela entre as paixões e a violência.

Essas reflexões iniciais nos conduzem à pergunta que motiva este estudo:

Como as emoções e a violência verbal contribuem para a construção do *ethos*?

Assim, considerando nosso interesse de pesquisa pelos ambientes digitais e buscando responder à pergunta apresentada, estabelecemos como objetivo para este texto investigar, em um discurso que circulou na Internet, se a violência verbal aliada às emoções constituíram estratégias para a construção do *ethos*. Para tanto, este trabalho está dividido em três partes. Inicialmente, abordamos a questão das emoções no discurso; em seguida, apresentamos alguns conceitos relativos à violência verbal; por último, expomos a análise de um discurso proferido por uma jovem de dezesseis anos durante uma reunião de líderes governamentais na Organização das Nações Unidas; analisamos as emoções e a violência verbal na construção do *ethos* de Greta Thunberg, buscando responder à pergunta que formulamos. Para as análises, não recorremos aos conceitos postulados por Aristóteles, que apenas nos emprestou seus ensinamentos para fomentar nosso questionamento; as análises estão fundamentadas em postulados de estudiosos da atualidade, cujos ensinamentos reiteram as lições do mestre primeiro da Retórica.

As emoções na argumentação

Os estudos clássicos de argumentação conferiram um lugar de destaque às emoções; o mesmo, entretanto, não aconteceu nos estudos modernos. Polo, Plantin, Lund e Niccolai (2013) observam que elas estão ausentes nos trabalhos de Toulmin (1958) e na Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996 [1958]), que falam de valores, de subjetividade e racionalidade, mas praticamente não mencionam a questão das emoções e seu papel argumentativo. Polo, Plantin, Lund e Niccolai (2013) lembram ainda que as emoções surgem em Hamblin (1970) apenas como índices do caráter falacioso dos argumentos e, em Walton (1992) como índices potencialmente falaciosos. De acordo com Polo, Plantin, Lund e Niccolai (2013), foram os estudos de interações autênticas que trouxeram de volta a presença das

emoções nos estudos de argumentação, interessados em verificar como os sujeitos mobilizam as emoções em seus discursos com objetivos argumentativos. Esses autores defendem que tais estudos conduziram a uma análise mais complexa da função das emoções no discurso argumentativo. São exemplos de estudos sobre o papel argumentativo das emoções os trabalhos de Micheli (2010), e do próprio Plantin (2011).

O fato é que as emoções desempenham um papel fundamental nas interações humanas, na medida em que elas desencadeiam reações dirigidas ao interlocutor, que podem ser positivas e negativas, e essas reações trarão consequências para a forma como os sujeitos julgam o discurso do outro. Toda emoção, conforme observa Plantin (2011), provoca algum mal estar, certo desconforto naquele que a experimenta, por conta dos afetos experimentados que provocam uma reação de estranhamento físico. A esse respeito e pensando nos efeitos sobre o outro, vale lembrar os dizeres de Kerbrat-Orecchioni (1997 [1980], p. 125): “l’émetteur espère que la répulsion, l’enthousiasme ou l’apitoiement qu’il manifeste atteindront par ricochet le récepteur, et favoriseront son adhésion à l’interprétation qu’il propose des faits”²

Plantin (2011) propõe que, na análise das emoções, o pesquisador verifique como o orador põe em destaque a emoção e o desconforto que ela provoca, e como ele faz dela, por meio de seu discurso, uma estratégia argumentativa, que serve para transmitir um ponto de vista. Focaliza-se assim o uso intencional da emoções.

É preciso considerar que as emoções não acontecem no vazio. Há sempre um motivo, um elemento desencadeador de emoções. Interessa igualmente, observar como os sujeitos respondem aos elementos desencadeadores de emoções e como eles utilizam a expressão, direta ou indireta, de suas emoções, para defender seus posicionamentos diante dos fatos que se encontram em discussão. Tanto Plantin (1997) como Doury (2007) postulam que os enunciados de emoção associam um indutor de emoção, um lugar psicológico de emoção e uma emoção de alguma forma especificada.

Os indutores de emoções são os fatores desencadeadores de um estado emocional, pois para que ocorra uma emoção, é necessário haver um motivo. O indutor de emoção, de acordo com Plantin (2011), constitui normalmente um acontecimento que provoca reações nas pessoas inseridas nele seja como participantes, seja como espectadores. Vale lembrar que é não raro argumentamos a respeito de situações que não vivenciamos, das quais fomos somente testemunhas, ou apenas ouvimos contar.

² o emissor espera que a repulse, o entusiasmo ou a pena que ele manifesta atingirão por tabela o receptor, favorecendo a interpretação que ele propõe para os fatos. (tradução nossa)

Os lugares psicológicos orientam onde se instaura a emoção dita. Ela pode instaurar-se no próprio orador, caso em que Plantin (2011) a denomina auto-atribuída, ou pode dizer respeito a um terceiro que o orador menciona, caso em que, segundo Plantin (2011), ela é hetero-atribuída. É importante destacar que a expressão das emoções tem um aspecto argumentativo, quer ela seja auto atribuída, quer ela seja hetero-atribuída.

Novakova *et al.* (2013) compreendem a emoção no sentido amplo; para esses autores ela diz respeito tanto ao afeto pontual e reativo causado, como a surpresa ou a raiva, quanto ao afeto interpessoal, durativo, que diz respeito a um sentimento como o amor ou a admiração e a um afeto de ordem moral ou de dimensão social, como o respeito ou a consideração.

Sejam de quais ordens forem os afetos, o fato é que os seres humanos usam a língua para conceituar, descrever e falar sobre suas emoções, conforme ensinam Langlotz e Locher (2017). Dizê-las é uma forma de manifestar para o interlocutor seus sentimentos, de acordo com Culpeper (2011), e isso toca o outro, toca o auditório. Certos termos designem diretamente as emoções, elas podem, no entanto, manifestar-se de forma indireta, ou seja, por meio de uma palavra que mostra um estado emocional, sem recorrer ao léxico de emoção.

Embora as emoções sejam constitutivas dos seres humanos e, portanto, universais, suas ocorrências e manifestações são culturais. Isso quer dizer que a cultura determina quais emoções são ou não autorizadas, valorizadas, adequadas em determinados contextos. Por isso, segundo Langlotz; Locher (2017), dizemos que as emoções constituem um fenômeno pessoal e social, do que decorre que a manifestação de emoções para o interlocutor depende das hierarquias de poder, do grau de formalidade, do contexto em que ocorre a interação. Em contextos muito formais, por exemplo, não é usual expor estados emocionais.

Tratando da relação entre emoções e argumentação, Plantin (2010) ensina que uma emoção é argumentada quando o confronto se apoia sobre uma emoção, quando esta serve de argumento ou representa um elemento intensificador de argumento a respeito de um assunto polêmico. Nesse caso, podemos pensar os enunciados de emoção como estratégia argumentativa para, entre outros, expor um ponto de vista, reforçar nosso engajamento em face de uma situação que é objeto de controvérsia, por exemplo. Conforme já expusemos anteriormente neste trabalho, as emoções são consideradas nos estudos retóricos como elemento fundamental na construção discursiva para tocar o auditório; ela também atua na construção do *ethos*, na medida em que os estados emocionais auto-atribuídos pelo orador constroem uma imagem de si. A violência, tema da próxima seção, também tem seu papel nessa construção.

A violência verbal

Os estudos de violência verbal são tributários dos fundamentos relativos à polidez, à qual a violência se opõe. As sociedades procuram formas de preservar “o caráter harmonioso da relação interpessoal, em detrimento dos riscos de que implica qualquer encontro social”. (Kerbrat-Orecchioni, 2005, p.189); o cuidado com a relação interpessoal implica o emprego de estratégias de polidez. Assim, por exemplo, em uma situação de controvérsia, ou numa discussão, normalmente, buscamos atenuar a contraposição, procurando formas sutis de confrontar o outro ou de apresentar contra argumentos perante suas razões.

A preocupação com a preservação da harmonia interpessoal, no entanto, não exclui situações de violência explícita, nas quais o orador tem o propósito de insultar e desqualificar o outro, instaurando uma situação de violência verbal. Os rituais de polidez servem para garantir, pelo menos em certa medida, que as reações agressivas se contenham. Podemos incluir entre essas estratégias a sinalização de emoções para o interlocutor, por meio do emprego de certas marcas. Vale lembrar que os comportamentos que extrapolam as normas sociais são avaliados negativamente e considerados agressivos ou insultuosos, conforme ensinam Locher e Watts (2008).

Fica claro, pelo exposto, que o apelo tanto às emoções quanto à violência verbal têm um caráter intencional, o qual pode tornar-se estratégico, uma vez que o orador lança mão de dizer emoções ou de manifestar-se com violência para exercer algum tipo de influência sobre o auditório. Daí a necessidade de a violência estar linguisticamente marcada por meio de um qualificador de caráter pejorativo, por exemplo, conforme mencionam Cabral e Lima (2017). Cumpre observar, no entanto, que há marcas linguísticas que permitem dizer certas coisas “de tal forma que possamos recusar a responsabilidade de tê-las dito” (DUCROT, 1977, p. 13). Os conteúdos pressupostos servem a essas ocasiões.

Kerbrat-Orecchioni (1986, p. 25) define o pressuposto com sendo “todas as informações que, sem serem abertamente postas (...), são, no entanto, automaticamente trazidas pela formulação do enunciado, no qual elas se encontram intrinsecamente inscritas, seja qual for a especificação do quadro enunciativo”³. Conforme os postulados de Ducrot (1987), o conteúdo pressuposto faz parte do significado da expressão linguística, do que decorre que seu

³ toutes les informations qui, sans être ouvertement posées (i.e. sans constituer en principe le véritable objet du message à transmettre), sont cependant automatiquement entraînées par la formulation de l'énoncé, dans lequel elles se trouvent intrinsèquement inscrites, quelle que soit la spécificité du cadre énonciatif .

reconhecimento não depende de uma reflexão individual do sujeito e, por esse motivo, o interlocutor fica obrigado a aceitar esse conteúdo, não podendo fazer diferente. pois, como lembra Kerbrat-Orecchioni (1986), o conteúdo pressuposto parece emprestado de um discurso anterior. De fato, para Ducrot (1977) o uso de um conteúdo pressuposto estabelece o diálogo situando-o no lugar do conhecido. Com base nessa particularidade, Ducrot (1987, p. 92) ensina que “a informação pressuposta é apresentada como não devendo ser o tema do discurso ulterior, mas apenas o quadro no qual se desenvolverá.” Vale lembrar, com Ducrot (1987), que, embora o interlocutor não tenha escolhido o conteúdo pressuposto, ele não pode negá-lo. Por seu caráter impositivo, Maingueneau (1996) alerta que o pressuposto pode ser usado com fins manipuladores, o que pode constituir uma forma de violência.

Para Culpeper (2008) e Bousfield (2008), autores dedicados aos estudos da violência verbal, quem agride tem um objetivo determinado, que pode ir além da simples agressão. É importante lembrar que, quando a violência verbal fere a imagem daquele que é agredido, ela pode, por exemplo, levar o adversário ao descrédito. A retórica cuida bem dessa questão ao abordar, por exemplo o argumento *ad hominem* e o ataque *ad personam*. O primeiro constitui um ataque aos argumentos do próprio adversário; o segundo, um ataque à própria pessoa do adversário, desqualificando-o. A esse respeito, vale lembrar os ensinamentos de Amossy (2014). Segundo essa estudiosa da argumentação, desqualificar os argumentos do adversário da disputa argumentativa ou a sua própria pessoa constitui uma forma de marcar a diferença relativamente a ele e leva-lo ao descrédito por atribuir-lhe má fé (Amossy, 2014).

A desqualificação deslegitima o adversário e fere a sua imagem, fatos que estão previstos já pelo dicionário. A definição do verbete “insulto”, conforme Houaiss e Villar (2001, p.1629), é: “palavra, atitude ou gesto que tem o poder de atingir a dignidade ou a honra de alguém”. Ferir a dignidade ou a honra diz respeito a macular a imagem do indivíduo; além disso, o dicionário deixa claro que o insulto se materializa também pela linguagem. Vale lembrar, com Cabral e Albert (2017, p. 278) que, além de agredir a imagem do outro, “esse ato resvala para o domínio social”, o que recrudesce sua força argumentativa. O dicionário nos permite estabelecer um elo entre violência verbal e emoção, ao expor que insulto deixa transparecer “aversão ou menosprezo pelos valores, pela capacidade, inteligência ou direito dos demais” (Houaiss; Villar 2001: 1629). Aversão e menosprezo são palavras que dizem sobre emoções negativas.

As emoções podem servir de reforço à violência verbal. E elas próprias podem ser violentas, situações nas quais elas servem para marcar o distanciamento em relação ao outro. A

desqualificação pode expressar um sentimento de desconforto ou de incômodo diante do outro, ou de suas atitudes. A violência verbal pode, pois, estar contida na manifestação do discurso de emoções, ou justificar-se com base nos efeitos emocionais negativos que o outro provoca. Tanto as emoções negativas quanto a violência verbal constituem, por conseguinte, estratégias para agredir o adversário e, em consequência, desqualificá-lo.

Terkourafi (2008) estabelece uma relação entre a violência verbal e a construção de uma imagem de si. Para essa autora, a construção da própria imagem do orador pode envolver a construção ou a destruição da imagem do outro, seu adversário, o que reforça o caráter intencional da violência, associando-a ao *ethos*. De fato, desqualificar o outro pode ser uma estratégia para enaltecer-se a si próprio, pensamento já expresso por Perelman que, ao definir o *ethos* oratório, relaciona-o à “impressão que o orador dá de si mesmo pelos seus propósitos mas também a tentação de desqualificar o adversário mediante argumentos *ad personam*”. Perelman, 1987, p.257)

O discurso emocionado e violento de Greta Thunberg

Greta Thunberg é uma jovem sueca, de 16 anos de idade, ativista ambiental, que tornou-se popular por permanecer, em agosto de 2018, durante muitas horas diante do parlamento sueco protestando contra as mudanças climáticas. Dessa data em diante, Greta protestou muitas outras vezes e tornou-se uma celebridade jovem, cujo discurso é marcado pela forma de direta de dizer, justificado pelo próprio estado de Greta, que é autista, portadora da síndrome de Asperger, o que significa que ela não atua no mesmo nível emocional que a maioria das pessoas com quem interage.

No dia 23 de setembro de 2019, ocorreu em Nova York, nos Estados Unidos, o Encontro da Cúpula da ONU sobre a Ação Climática. Durante esse evento, a jovem ativista sueca fez um discurso dirigido aos líderes governamentais de países membros da ONU, demonstrando sua indignação e cobrando ação dos representantes governamentais:

Minha mensagem para os líderes internacionais é de que nós estaremos de olho em vocês.

Isto está completamente errado.

Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na minha escola, do outro lado do oceano.

E vocês vêm até nós, jovens, para pedir esperança. Como vocês ousam?

Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias. E ainda assim, eu tenho que dizer que sou uma das pessoas com mais sorte (nesta situação).

As pessoas estão sofrendo e estão morrendo. Os nossos ecossistemas estão morrendo.

Por mais de 30 anos, a ciência tem sido muito clara. Como vocês se atrevem a continuar ignorando isto?

Nós estamos vivenciando o começo de uma extinção em massa. E tudo o que vocês fazem é falar de dinheiro e de contos de fadas sobre um crescimento econômico eterno.

Como vocês se atrevem?

Por mais de 30 anos, a ciência tem sido muito clara. Como vocês se atrevem a continuar ignorando isto? E como se atrevem a vir aqui e dizer que estão fazendo o suficiente? Quando sabemos que as políticas e as soluções necessárias não são sequer vistas?

Vocês dizem que estão nos escutando e que compreendem a urgência (deste tema).

Mas não importa tão triste e furiosa eu esteja, eu não quero acreditar no que dizem. Se vocês realmente entendem o que está acontecendo e continuam falhando em agir, vocês seriam um mal. E eu me recuso a acreditar nisso.

A proposta de cortar as nossas emissões pela metade em 10 anos, apenas nos dá uma chance de 50% de ficar abaixo da marca de 1.5°C e existe um risco de desencadear reações irreversíveis em cadeia que fogem do controle humano.

50% pode ser aceitável para vocês. Mas estes números não incluem outros pontos como feedback, lacunas e um aquecimento adicional causado pela poluição tóxica do ar ou aspectos de equidade e justiça climáticos. Estes números também fazem com que a minha geração seja obrigada a ter que retirar centenas de bilhões toneladas de dióxido de carbono do ar, causadas por vocês, e usando tecnologia que sequer existem. Então, 50% simplesmente não são aceitáveis. Nós teremos que viver com as consequências.

Para ter uma chance de 67% de continuar abaixo da marca de 1.5°C do aumento global temperatura, no melhor cenário do (relatório) do IPCC, o mundo teria ainda 420 toneladas giga de emissões de dióxido de carbono para emitir, em 1 de janeiro de 2018. Hoje, este número já caiu para 350 toneladas giga.

Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens já começaram a entender sua traição.

Como vocês se atrevem a pensar que isto pode ser resolvido sem mudar nada? Ou através de algumas soluções técnicas? Com os níveis atuais de emissões de hoje, o orçamento de emissões de dióxido de carbono acabaria inteiramente em apenas 8 anos e meio.

Não haverá nenhuma solução ou planos apresentados com base nestes números que trago aqui hoje. Porque estes números são bem desconfortáveis e vocês não têm a maturidade suficiente para abordar este tema como ele realmente é.

Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens já começaram a entender sua traição.

Os olhos de uma geração futura inteira estão sobre vocês.

E se vocês escolherem fracassar. Eu lhes digo: nós jamais perdoaremos vocês.

Nós não vamos deixar vocês fazerem isso.

É aqui e agora, que nós colocamos um limite. O mundo está despertando. E a mudança está chegando, quer vocês queiram ou não.

Obrigada.⁴

O espaço de uma reunião de líderes internacionais constitui um contexto altamente institucionalizado, no qual há regras protocolares de polidez a seguir; trata-se de uma situação na qual os líderes evidentemente assumem posicionamentos claros, mas de forma polida, tendo o cuidado de não ferir suscetibilidades culturais, uma vez que ali convivem sujeitos oriundos de culturas muito diversas. Deve-se considerar igualmente que a reunião de líderes governamentais é um lugar de adultos, no qual uma jovem adolescente de dezesseis anos provavelmente pode sentir-se intimidada e, por esse motivo, constrangida a atenuar seu dizer. Afinal, as hierarquias de poder atuam fortemente nas interações determinando condutas verbais

⁴ <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1688042>, acesso em 08/11/2019

alinhas com a polidez. Greta, no entanto, não se intimida. Ela desafia os líderes com perguntas:

- (1) Como vocês ousam?
- (2) Como vocês se atrevem a continuar ignorando isto?
- (3) Como vocês se atrevem?
- (4) Como vocês se atrevem a continuar ignorando isto?
- (5) E como se atrevem a vir aqui e dizer que estão fazendo o suficiente?
- (6) Como vocês se atrevem a pensar que isto pode ser resolvido sem mudar nada?

Ao longo do discurso de Greta, encontramos várias perguntas iniciadas por como. Inicialmente, há a pergunta “como vocês ousam?” e, em seguida, repetidas vezes, perguntas iniciadas com o segmento “como vocês se atrevem ...?”. As perguntas introduzidas por “como” não põem em questão o conteúdo que vem à direita de “como”, ao contrário, “como” pressupõe que o conteúdo que está à direita é verdadeiro (Ducrot, 1977). Assim, “como vocês ousam?” e “como vocês se atrevem?”, dirigido aos líderes governamentais, pressupõe que a atitude deles é uma ousadia e um atrevimento.

As perguntas de Greta evidentemente não buscam uma resposta, ao contrário, têm valor de advertência. Elas constituem uma ameaça, um desafio marcado pela abertura que comunga a partícula interrogativa “como” com verbos “ousar” e “atrever-se”.

Tomando como exemplo uma das perguntas: “Como vocês se atrevem a pensar que isto pode ser resolvido sem mudar nada?”, podemos afirmar que a ameaça contida na pergunta tem como conteúdo pressuposto que o complemento verbal de “atrever-se a” diz respeito a uma ação reprovável. Além disso, a pergunta corresponde a uma asserção: “é um atrevimento de vocês pensarem ...”.

O segundo segmento da pergunta, “pensar que isto pode ser resolvido sem mudar nada” contém o conteúdo pressuposto de que não é verdadeiro o conteúdo do complemento verbal, ou seja, o enunciado tem como conteúdo posto que os líderes governamentais têm uma opinião positiva a respeito da possibilidade de resolver o problema ambiental sem mudar nada e pressupõe que o problema ambiental não pode ser resolvida sem mudar nada. O conteúdo pressuposto permite que Greta acuse os líderes governamentais de mentirosos atrevidos. Com sua pergunta, a jovem não apenas ameaça os líderes, mas também os desafia e os acusa. Essas três atitudes fogem às normas previstas para o comportamento de uma jovem perante líderes governamentais, o que configura uma violência verbal, conforme os postulados de Locher e Watts (2008) que apontamos anteriormente neste trabalho.

As perguntas de Greta, no entanto, não surgem no vazio. Elas vêm precedidas da exposição de fatos que as justificam. A explanação de Greta, é, porém, marcada por emoções seja de forma direta, seja de forma indireta. Assim, Greta inicia seu discurso expressando desconfiança que experimenta em relação aos líderes governamentais.

(7) Minha mensagem para os líderes internacionais é de que nós estaremos de olho em vocês.

A expressão “estaremos de olho em você” indica que o interlocutor precisa ser vigiado, o que normalmente se faz em relação a alguém em quem não confiamos. A desconfiança é um estado emocional auto-atribuído indiretamente, cujo valor é coletivo, o que se evidencia pelo emprego do verbo na primeira do plural. Greta expressa a sua desconfiança e a de todos os jovens de sua idade.

Para além da simples expressão de um estado emocional, o primeiro enunciado do discurso de Greta é também uma ameaça aos líderes internacionais. Greta está dizendo a eles que “vocês estão sendo vigiados por nós”. A ameaça a adultos, representantes de países em uma reunião de cúpula, de líderes governamentais, expressa por uma adolescente de 16 anos não condiz com o previsto para a situação. Se uma ameaça constitui, por si só, uma agressão ao interlocutor, nesse contexto, ela se torna mais violenta. Greta, no entanto, ao ousar fazer uma ameaça aos líderes governamentais, em um discurso proferido durante uma reunião na ONU, constrói uma imagem de si, um *ethos* de coragem. Somente uma jovem muito corajosa ousa ameaçar os líderes governamentais dos países membros da ONU. Emoções e violência atuam em favor do *ethos* de Greta.

Um pouco adiante em seu discurso, Greta recorre à sua condição de jovem adolescente estudante para novamente acusar os líderes governamentais:

(8) Eu não deveria estar aqui. Eu deveria estar na minha escola, do outro lado do oceano. E vocês vêm até nós, jovens, para pedir esperança. Como vocês ousam? Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias.

No excerto (8), Greta afirma que, como adolescente e estudante, seu lugar não é na reunião de cúpula da ONU, mas na escola. Essa informação, aliás de conhecimento de todos os presentes, lhe permite tirar partido sua condição de “não pertinente” e explorar sua condição de adolescente. Assim, na sequência do discurso, Greta afirma que os líderes pedem “esperança” aos jovens e, por meio da pergunta “Como vocês ousam?”, qualifica negativamente esse pedido; na avaliação de Greta, trata-se de uma ousadia.

O enunciado “Vocês roubaram meus sonhos e minha infância com suas palavras vazias” qualifica os líderes governamentais de “ladrões” de sonhos e de infância e de produtores de palavras que não dizem nada. Sem fazer uso direto de violência, nem de emoções, Greta refere indiretamente a estados emocionais que o senso comum considera serem próprios da criança, sonhadora, e agride os líderes governamentais, acusando-os de serem uma espécie de ladrões. O discurso de Greta marca que há uma diferença relativamente aos líderes governamentais e ela: enquanto ela é uma criança que sonha, eles são ladrões de sonhos. Assim, Greta desqualifica os líderes deslegitimando suas promessas.

Em outro ponto de seu texto, mais adiante, Greta muda de estratégia, sempre acusando os líderes governamentais, mas desta vez usando estados emocionais, expressando sentimentos:

- (9) Vocês dizem que estão nos escutando e que compreendem a urgência (deste tema). Mas não importa tão triste e furiosa eu esteja, eu não quero acreditar no que dizem. Se vocês realmente entendem o que está acontecendo e continuam falhando em agir, vocês seriam um mal. E eu me recuso a acreditar nisso.

Greta se apresenta como estando “triste” e “furiosa”. Esses dois estados emocionais auto-atribuídos pela oradora têm como indutor de emoções o dizer dos líderes governamentais de que “estão nos escutando e que compreendem a urgência”. Os sentimentos auto-atribuídos de Greta conduzem à continuidade do discurso, voltado a desqualificar os líderes governamentais.

Na sequência, ao afirmar que se recusa a acreditar que os líderes governamentais seriam “um mal” em consequência de “continuarem a agir” apesar de “entenderem o que está acontecendo”, Greta apresenta um discurso ambíguo para o qual abre duas possibilidades de construção de sentidos: os líderes governamentais não são um mal, então eles são incompetentes, porque não entendem o que está acontecendo com o planeta; os líderes governamentais são competentes e entendem o que está acontecendo com o planeta, então eles são um mal. Qualquer que seja o sentido construído, há, em sua base, uma intenção de desqualificação dirigida aos líderes governamentais: ou eles incompetentes, ou eles são um mal. Vale lembrar, com Amossy (2014), a desqualificação deslegitima o adversário e fere a sua imagem, levando-o ao descrédito por atribuir-lhe má fé. É o que acontece no dizer de Greta, a qual se apresenta como o polo oposto, aquela que compreende o que está acontecendo e deseja que se faça alguma coisa com urgência. Ela é competente e representa o bem.

Na sequência de seu discurso, Greta apresenta uma série de dados numéricos relativos aos cálculos da evolução das emissões de carbono pelo planeta como argumento para sua tese de que os líderes mundiais não estão fazendo o que deveriam relativamente ao problema

ambiental. Os argumentos fundados no lugar da quantidade lhe conferem a permissão para, novamente, acusar os líderes governamentais:

(10) Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens já começaram a entender sua traição. Como vocês se atrevem a pensar que isto pode ser resolvido sem mudar nada?

O apelo ao conteúdo pressuposto continua estratégico na argumentação de Greta. O verbo entender do enunciado “os jovens já começaram a entender sua traição” tem como conteúdo pressuposto que os jovens têm um entendimento relativo ao comportamento traidor dos líderes e pressupõe que esse entendimento corresponde à realidade. Ele é verdadeiro. Assim, por meio do conteúdo pressuposto, Greta chama os líderes governamentais de traidores. Traidores porque eles falham com os jovens, segundo seu discurso.

Greta remete aos argumentos fundados no lugar da quantidade apresentados por ela, avaliando os números apresentados como “bem desconfortáveis”. Trata-se de uma expressão que designa um desconforto cujo elemento desencadeador é o conjunto de dados que a jovem expõe como sendo o resultado negativo das políticas governamentais adotadas pelos países representados pelos líderes presentes à reunião da ONU.

(11) Não haverá nenhuma solução ou planos apresentados com base nestes números que trago aqui hoje. Porque estes números são bem desconfortáveis e vocês não têm a maturidade suficiente para abordar este tema como ele realmente é.
Vocês estão falhando conosco. Mas os jovens já começaram a entender sua traição.

Greta recorre ao estado emocional como estratégia para reforçar seu ponto de vista de que os líderes governamentais são incompetentes no trato com o problema ambiental. Para ela, eles “não têm maturidade” para tratar do tema como se deve. A jovem repete o enunciado já dito algumas linhas acima. Embora essa seja uma característica do discurso próprio de uma jovem com seus problemas, não se pode ignorar que a repetição enfatiza o ponto de vista da oradora: os líderes governamentais estão falhando, essa falha é uma traição que os jovens já entenderam como tal.

Greta termina seu discurso com ameaças, retomando o tom violento do início de seu discurso:

(12) Os olhos de uma geração futura inteira estão sobre vocês.
E se vocês escolherem fracassar. Eu lhes digo: nós jamais perdoaremos vocês.
Nós não vamos deixar vocês fazerem isso.

Volta a ameaça inicial, de que os jovens estão vigiando os líderes governamentais. Greta volta a repetir, pela ameaça, que os jovens, representando a geração futura, não confiam nos

adultos que governam as nações membro da ONU. A ameaça tem como foco o fracasso dos líderes governamentais em reverter o estado crítico previsto para o meio ambiente no futuro. Eles são ameaçados de não receberem perdão: “nós jamais perdoaremos vocês”. Greta fala em nome de todos os jovens de sua geração. É a voz coletiva que ameaça.

Observamos, no discurso de Greta, que emoções e violência se articulam para atacar a imagem do opositor, ou seja o conjunto dos líderes governamentais dos países membros da ONU, que constituem o adversário de Greta. Quando o orador denigre a pessoa do adversário, anulam-se seus argumentos com base no raciocínio inferencial de que “os argumentos de uma pessoa ruim não merecem credibilidade”. No lado oposto, ao macular a credibilidade do adversário, a jovem se enaltece. Podemos afirmar que, ao diferenciar-se de dos líderes governamentais e ao agredi-los com ameaças e acusações, Greta constrói seu próprio *ethos*, por oposição. Assim, em seu discurso, as emoções e a violência verbal fornecem juntas elementos para a construção do *ethos*.

Conclusão

Ao iniciarmos este trabalho apresentamos uma pergunta: Como as emoções e a violência verbal contribuem para a construção do *ethos*? Uma breve análise do discurso proferido por Greta Thunberg, jovem de dezesseis anos, diante de líderes de países membros da ONU, nos permitiu avaliar como a exposição de estados emocionais negativos que tiveram como elemento desencadeador as ações e o caráter também negativos do outro, permitem, ao deslegitimar o outro pela desqualificação de suas ações e da sua própria pessoa, construir uma imagem de si positiva. Podemos assim afirmar que o desenvolvimento do trabalho nos permitiu responder o questionamento estabelecido no início. Vimos, por exemplo, que o apelo à exposição de ameaças aos líderes governamentais, a afirmação reiterada de que eles estão fracassando em sua missão de proteger o meio ambiente e a expressão de sentimentos negativos auto-atribuídos por Greta, de tristeza, fúria, desconforto sugerem que os líderes não são confiáveis, são do mal enquanto Greta é corajosa porque os enfrenta, é competente porque enxerga o que eles se negam a perceber. Greta constrói, assim, uma imagem de si apoiada na imagem negativa do outro para evidenciar que ela do bem. Encerramos este texto lembrando Aristóteles (s/d), para quem caráter moral do orador que conduz à persuasão.

Bibliografia

AMOSSY, Ruth. *Apologie de la polémique*. Paris: PUF. 2014.

ARISTÖTELES. *Arte retórica e arte poética*. Edições de ouro, s/d.

BOUSFIELD, Derek. Impolitenesse in the struggle for power. In: Bousfield, Derek; LOCHER, Miriam (eds), *Impoliteness in Language*. Berlin/NY, Mouton de Gruyter, 2008, p. 127-153.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; Lima, NELCI Vieira de. Argumentação e polêmica nas redes sociais: o papel de violência verbal. *Signo*. Santa Cruz, v. 42, n. 73, 2017, p.86-97.

<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo> Acesso em 18/09/2019.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; ALBERT, Silvia Augusta de Barros. Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem. In: CABRAL, Ana Lúcia Tinoco; SEARA, Isabel Roboredo; GUARANHA, Manoel Francisco (org.). *Descortesia e Cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017, p. 267-294.

CULPEPER, Jonathan. *Impoliteness - using language to cause offence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

_____. Reflections on impoliteness, relational work and power. In: Bousfield, Derek; LOCHER, Miriam (eds), *Impoliteness in Language*. Berlin, NY, Mouton de Gruyter, 2008, p.17- 44.

DOURY Marianne. A refutação por acusação de emoção: exploração argumentativa da emoção em uma discussão de caráter científico. In MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.) *As emoções no discurso, v.1*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 188 - 200.

DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____. *O dizer e o dito*. Campinas : Pontes, 1987.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

HUMBLIN, Charles Leonard. *Fallacies*. Methuen, 1970.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. *L'implicite*. Paris: Armand Colin, 1986.

_____. *L'énonciation*. Paris, Armand Colin, [1980] 1997.

_____. *Le discours en interaction*. Paris, Armand Colin, 2005.

LANGLOTZ, Andreas; LOCHER, Miriam. (Im)politeness and Emotion. In: CULPEPER, Jonathan; HAUGH, Michael; KÁDÁR, Dániel. *The Palgrave Handbook of Linguistic (Im)politeness*. London: Palgrave, 2017, p. 187 – 322.

LOCHER, Miriam ; WATTS, Richard. Relational work and impoliteness : Negotiating norms of linguistic. In: Bousfield, Derek; LOCHER, Miriam (eds), *Impoliteness in Language*. Berlin, NY, Mouton de Gruyter, 2008, p.77-99.

MAINGUENEAU, Dominique. *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MICHELI, Raphaël. *L'émotion augmentée : l'abolition de la peine de mort dans le débat parlementaire français*. Paris : Cerf, 2010.

NOVAKOVA, Iva; GOOSSENS, Vannina; GROSSMANN, Francis. Interactions entre profil discursif et structures actanciennes: l'exemple des verbes de surprise e de respect. *Langue Française 180*, 2013, p. 31 – 46.

MOLINIÉ, Georges. *Dictionnaire de rhétorique*. Paris: Livre de Poche, 1992.

PERELMAN, Chaïm. Argumentação. In: *Enciclopédia Einaudi vol.11 Oral/Escrito Argumentação*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1987, p.234 -265

_____ & OLBRECHTS-TYTECA, Lucyle. *Tratado da argumentação a nova retórica*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, [1958]1996.

PLANTIN, Christian. L'Argumentation dans l'émotion. In : *Pratiques 96*, 1997, p. 81-100.

_____. As razões das emoções. In : MENDES, Emília ; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). *As emoções no discurso vol II*. Campinas : Mercado de Letras, 2010, p. 57 – 80.

_____. *Les bonnes raisons des émotions. Principes et méthodes pour l'étude du discours émotionné*. Berne : Peter Lang, 2011.

POLO, Claire ; PLANTIN, Christian ; LUND, Kristine ; NICCOLAI, Gérard. Quand construire une position émotionnelle, c'est choisir une conclusion argumentative : le cas d'un café-débat sur l'eau potable au Mexique. *Semen*, n. 35, 2013, p. 41-63.

TERKOUFARI, Marina. Toward a unified theory of politeness, impoliteness and rudeness. In: Bousfield, Derek; LOCHER, Miriam (eds). *Impoliteness in Language*. Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 2008, p.45-74.

TOULMIN, Stephen. *Os usos do argumento*. São Paulo : Martins Fontes, 2001 [1958].

WALTON, Douglas. *The place of emotion in argument*. Pennsylvania State University Press, 1992.

INTELLIGENCE RHETORIQUE: VIOLENCE ET EMOTIONS DANS LA CONSTRUCTION DE L'ETHOS.

Résumé : Ce travail présente une étude du discours des émotions (Plantin, 2011) et de la violence verbale (Culpeper, 2011; Cabral & Lima, 2017) en les envisageant comme des stratégies pour la construction de l'*ethos*. Les études rhétoriques signalent surtout l'importance des passions pour toucher l'auditeur, vue que les émotions provoquent une réaction chez l'autre, un malaise. Le travail se concentre cependant sur l'utilisation du discours des émotions par l'orateur pour, lorsqu'il dit son état émotionnel, que ce soit directe ou indirectement, construire son *ethos*. Le travail examine également comment, dans le discours, les émotions montrent de la violence et servent à marquer argumentativement une distance à l'égard de l'autre et la construction d'une image de soi. Le corpus d'analyse est un discours prononcé

par une jeune militante lors d'une réunion de l'Organisation des Nations Unies. Les analyses montrent que l'orateur relie la violence verbale et le discours des émotions en les utilisant comme des stratégies argumentatives, pour construire son éthos et pour transmettre un point de vue.

Mots-clés: Argumentation. Emotions. Violence verbale. Ethos

Envio: abril/2020

Aceito para publicação: maio/2020

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267